



SÍNTESE DE NOTÍCIAS Nº 0259/2025

**EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 23/09/20**

Reino da Arábia Saudita pede reconhecimento global da Palestina e fim da agressão israelense em Gaza



O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, fala durante a reunião de alto nível na ONU com o objectivo de galvanizar o apoio a uma solução de dois Estados para o conflito israelense-palestino.

O Reino da Arábia Saudita reafirmou ontem segunda-feira o seu apoio a uma solução de dois Estados para o conflito entre israelenses e palestinos, durante uma conferência de paz co-presidida pelo Reino e pela França na Assembleia Geral da ONU em Nova York. As autoridades sauditas também pediram o reconhecimento global do Estado da Palestina e o fim da agressão israelense em Gaza e na Cisjordânia.

Fazendo uma declaração em nome do Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman, o ministro das Relações Exteriores do Reino, Príncipe Faisal bin Farhan, começou compartilhando saudações do Rei Salman, juntamente com os melhores votos do Príncipe herdeiro para o sucesso da conferência. Ele também agradeceu ao Presidente francês, Emmanuel Macron, pela declaração formal do reconhecimento da França ao Estado da Palestina. A conferência saudita-francesa de um dia ocorreu em meio à escalada da violência no Médio Oriente. O Príncipe Faisal condenou a agressão contínua de Israel em Gaza, na Cisjordânia e em Al-Quds Al-Sharif (Jerusalém), incluindo o que ele descreveu como "crimes brutais", bem como "repetidos ataques à

soberania dos países árabes e muçulmanos", citando em particular o recente ataque israelense a Doha.

"Essas acções sublinham a insistência de Israel em continuar com suas práticas agressivas que ameaçam a paz e a estabilidade regional e internacional e minam os esforços de paz na região", disse ele.

Somente a implementação de uma solução de dois Estados pode trazer uma paz duradoura, acrescentou.

O Príncipe Faisal também saudou a recente votação bem-sucedida da Assembleia Geral da ONU sobre a "Declaração de Nova York sobre a Solução Pacífica da Questão da Palestina e a Implementação da Solução de Dois Estados", na qual 142 dos 193 Estados-membros votaram a favor.

"Isso reflecte a vontade da comunidade internacional de fazer justiça ao povo palestino e consolidar seus direitos legais e históricos de acordo com as estruturas internacionais, as resoluções relevantes da ONU e a Iniciativa de Paz Árabe", acrescentou.

Ele disse que o Reino da Arábia Saudita está pronta para trabalhar com a França e outras nações em busca de paz para acompanhar os resultados da conferência de ontem segunda-feira, ajudar a acabar com a guerra em Gaza, interromper acções unilaterais que minam a soberania palestina e estabelecer um Estado palestino independente ao longo das fronteiras de 1967, com Jerusalém Oriental como sua capital.

Em suas observações finais, o Príncipe Faisal agradeceu aos Estados que já reconheceram oficialmente o Estado da Palestina, ou planejam fazê-lo, e pediu que outros tomem "um passo histórico semelhante". Ele acrescentou: "Tal acção terá um grande impacto no apoio aos esforços para a implementação da solução de dois Estados, alcançando a paz permanente e abrangente no Médio Oriente e encontrando uma nova realidade pela qual a região possa desfrutar de paz, estabilidade e prosperidade".

DISCURSO COMPLETO:

Em nome de Deus, o Misericordioso, o Compassivo,

Excelentíssimo Senhor Presidente da República da França, Excelentíssimo Senhor Secretário-Geral, Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembleia Geral, distintos convidados,

Deus, que a paz e as bênçãos estejam com você. Tenho a honra de entregar a declaração do Reino da Arábia Saudita como co-presidente desta conferência, em nome de Sua Alteza Real o Príncipe Mohammed bin Salman bin Abdulaziz Al-Saud, Príncipe Herdeiro e Primeiro-Ministro do Reino.

Tenho o prazer de transmitir a vocês as saudações de Sua Majestade o Rei Salman bin Abdulaziz Al-Saud, o Guardião das Duas Mesquitas Sagradas, e seus votos, juntamente com os votos do Príncipe herdeiro para o sucesso desta conferência. Agradecemos a Sua Excelência o Presidente Macron e Sua Excelência Antonio Guterres por seus

esforços para alcançar a solução de dois Estados; agradecemos a ele também por reconhecer o Estado da Palestina.

Esta conferência é co-presidida pelo Reino da Arábia Saudita e pela França em um momento em que as autoridades de ocupação israelenses continuam sua agressão e seus crimes brutais contra nossos irmãos palestinos na Faixa de Gaza e suas violações na Cisjordânia e Al-Quds Al-Sharif e seus repetidos ataques à soberania dos países árabes e muçulmanos. o último dos quais foi o ataque contra o Qatar.

Isso destaca a insistência de Israel em continuar com suas práticas agressivas que ameaçam a paz e a estabilidade regionais e internacionais e minam os esforços de paz na região. Isto reitera a nossa convicção profundamente enraizada de que a implementação da solução de dois Estados é a única forma de alcançar uma paz justa e permanente.

A posição histórica de Sua Excelência o Presidente francês de reconhecer o Estado da Palestina, e o facto de que muitos países adotaram essa posição corajosa semelhante, e o amplo apoio à resolução da Assembleia Geral de adoptar (a declaração) a Declaração de Nova York sobre a Solução Pacífica da Questão da Palestina e a implementação da solução de dois Estados que recebeu 142 votos a seu favor reflecte a vontade da comunidade internacional para fazer justiça ao povo palestino e consolidar seu direito histórico legal de acordo com as estruturas internacionais e as resoluções relevantes da ONU e a Iniciativa de Paz Árabe.

O Reino está empenhado em continuar sua parceria com a França e todos os países que pedem a paz, acompanhar a implementação dos resultados desta conferência, pôr fim à guerra em Gaza e interromper todas as medidas unilaterais que ameaçam a soberania palestina, trabalhar para acabar com o conflito na região e estabelecer o Estado palestino independente nas fronteiras de 1967, com Jerusalém Oriental como sua capital.

Para concluir, agradecemos novamente aos países que reconheceram ou anunciaram sua intenção de reconhecer o Estado da Palestina; Apelamos a todos os outros países para que dêem um passo histórico semelhante que terá um grande impacto no apoio aos esforços para a implementação da solução de dois Estados, alcançar a paz permanente e abrangente no Médio Oriente e encontrar uma nova realidade pela qual a região possa desfrutar de paz, estabilidade e prosperidade. Obrigado.

O Reino da Arábia Saudita e a França emitiram uma declaração após a conferência de paz na Assembleia Geral da ONU. O texto da declaração conjunta:

1. Nós, líderes da República da França e do Reino da Arábia Saudita, co-presidentes da Conferência Internacional de Alto Nível para a Solução Pacífica da Questão da Palestina e a Implementação da Solução de Dois Estados, elogiamos os Estados que se reuniram nas Nações Unidas em Nova York em 22 de setembro de 2025 em um momento historicamente crítico para a paz, segurança e estabilidade no Médio Oriente.

2. A Conferência Internacional de Alto Nível levou à adopção da Declaração de Nova York, endossada pela Assembleia Geral com uma excelente maioria de 142 votos. Esta declaração ambiciosa reafirma o compromisso internacional inabalável com a solução

de dois Estados e traça um caminho irreversível para construir um futuro melhor para palestinos, israelenses e todos os povos da região.

3. Como estamos apurados, a situação em Gaza continua a se deteriorar com a intensificação da ofensiva terrestre israelense na cidade de Gaza e com civis e reféns pagando um preço injustificável devido à guerra em curso. A Declaração de Nova York visa fornecer uma alternativa baseada em princípios, mas realista, ao ciclo de violência e guerras sem fim.

4. É tempo de a comunidade internacional passar das palavras aos actos. Elogiamos o importante trabalho realizado pelos dezessete co-presidentes dos grupos de trabalho da conferência para traçar um caminho para uma rápida implementação da solução de dois Estados. Apelamos a todos os Estados para que implementem rapidamente a declaração de Nova York por meio de medidas tangíveis, concretas e irreversíveis. Saudamos os importantes compromissos e medidas já assumidos pelos Estados-membros da ONU.

5. Congratulamo-nos com o reconhecimento do Estado da Palestina pela Austrália, Bélgica, Canadá, Luxemburgo, Malta, Portugal, Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, Dinamarca, Andorra, Mónaco e São Marino, juntamente com a França, confirmado hoje na Assembleia Geral das Nações Unidas. Convidamos os Estados que não o fizeram a aderir a este movimento.

6. Acabar com a guerra em Gaza e garantir a libertação de todos os reféns continua sendo nossa prioridade absoluta. Pedimos um cessar-fogo permanente, a libertação de todos os reféns, a troca de prisioneiros e a entrega irrestrita de assistência humanitária em toda a Faixa de Gaza e a retirada total das forças israelenses de Gaza.

7. A fim de garantir o Dia Seguinte para palestinos e israelenses, comprometemo-nos a apoiar o envio de uma missão internacional temporária de estabilização a convite da Autoridade Palestina, a ser mandatada pelo Conselho de Segurança da ONU, de acordo com a Declaração de Nova York. Enquanto isso, nos comprometemos a aumentar nosso apoio para treinar e equipar a polícia e as forças de segurança palestinas, com base nos programas existentes, incluindo USSC, EUPOLCOPPS e EUBAM Rafah.

8. Enfatizamos a importância de unificar a Faixa de Gaza com a Cisjordânia sob a Autoridade Palestina. Saudamos a política "Um Estado, Um Governo, Uma Lei, Uma Arma" da Autoridade Palestina e prometemos nosso apoio contínuo à sua implementação. No contexto do fim da guerra em Gaza, reiteramos que o Hamas deve pôr termo ao seu domínio em Gaza, desarmar-se e entregar as suas armas à Autoridade Palestiniana, com o empenho e o apoio internacionais, em consonância com o objectivo de um Estado palestino soberano.

9. Esta Conferência, e o reconhecimento da Palestina, visa a realização de um Estado da Palestina soberano, democrático e economicamente viável, vivendo lado a lado em paz e segurança com Israel. A esse respeito, elogiamos os compromissos históricos assumidos pelo Presidente Mahmoud Abbas, incluindo a solução pacífica da questão da Palestina, a contínua rejeição da violência e do terrorismo e sua declaração de que o Estado palestino não tem intenção de ser um Estado militarizado e está pronto para trabalhar em arranjos de segurança benéficos para todas as partes. no pleno respeito da sua soberania.

10. Saudamos as reformas já em curso pela Autoridade Palestiniana, incluindo:

A revogação do sistema de pagamento dos prisioneiros, que está agora em vigor;

A reforma da escolaridade/currículos, sob supervisão da UE e com o apoio saudita;

O compromisso de realizar eleições gerais e presidenciais democráticas e transparentes dentro de um ano após um cessar-fogo, permitindo a competição democrática entre actores palestinos comprometidos em respeitar a plataforma e os princípios da OLP.

Apoiamos o presidente Abbas na promoção de novas medidas para reformar a governança da Autoridade Palestina.

11. Saudamos o lançamento da Coalizão de Emergência para a Palestina para mobilizar apoio orçamentário de emergência à Autoridade Palestina. Convidamos todos os Estados e organizações internacionais a se unirem a esse esforço. Reiteramos nosso apelo para a liberação imediata por Israel das receitas fiscais palestinas retidas e nos comprometemos com a revisão do Protocolo de Paris sobre Relações Econômicas e o estabelecimento de uma nova estrutura para transferências de receitas de liberação.

12. Instamos a liderança israelense a aproveitar esta oportunidade de paz e a emitir um compromisso público claro com a solução de dois Estados, acabar imediatamente com a violência e o incitamento contra os palestinos, interromper todas as actividades de assentamento, apropriação de terras e anexação no Território Palestino Ocupado e acabar com a violência dos colonos. Como primeiro passo, instamos Israel a rescindir o projecto E1 e renunciar publicamente a qualquer projecto de anexação. Reiteramos que qualquer forma de anexação é uma linha vermelha para a comunidade internacional que traz sérias consequências e constitui um risco directo para os acordos de paz existentes e futuros.

13. A este respeito, congratulamo-nos com as medidas concretas tomadas pelos Estados-Membros para responder a medidas unilaterais contra a solução de dois Estados e às violações do direito internacional até que Israel ponha termo às acções que põem em perigo a solução de dois Estados, em total conformidade com o direito internacional.

14. Reafirmamos que o fim da ocupação israelense e a consecução de uma paz justa e duradoura entre israelenses e palestinos, com base nas resoluções pertinentes da ONU, é a única maneira de alcançar a plena integração regional, conforme previsto na iniciativa de paz árabe. A este respeito, congratulamo-nos com o compromisso de explorar uma arquitectura de segurança regional que possa proporcionar garantias de segurança para todos, com base na experiência da ASEAN e da OSCE, abrindo caminho a um Médio Oriente mais estável. Reiteramos nosso apoio a esforços renovados nas trilhas Síria-Israel e Líbano-Israel com o objectivo de alcançar uma paz abrangente, justa e duradoura no Médio Oriente, de acordo com o direito internacional e as resoluções relevantes da ONU.

15. Reiteramos nosso apelo a todos os Estados para que se juntem a essa dinâmica para garantir a paz e a segurança para todos no Médio Oriente, o reconhecimento mútuo e a plena integração regional. **Fonte-Arab News.**

Ministro da Guarda Nacional recebe ministro da Coreia em Riade



O Príncipe Abdullah bin Bandar bin Abdulaziz (à direita) mantém conversas com Ahn Gyu-back.

O ministro da Guarda Nacional Saudita, Príncipe Abdullah bin Bandar bin Abdulaziz, recebeu ontem segunda-feira em Riade, o ministro da Defesa Nacional da Coreia, Ahn Gyu-back, e o ministro do Programa de Aquisição de Defesa, Seok Jong-gun. Durante a reunião, os dois lados discutiram tópicos de interesse mútuo e revisaram maneiras de fortalecer a cooperação em defesa, informou a Agência de Imprensa Saudita. Eles também exploraram oportunidades para desenvolver parcerias dentro das indústrias militares. **Fonte-Arab News.**

Reino da Arábia Saudita e Noruega fortalecem laços econômicos em fórum de negócios



Ministro do Comércio do Reino da Arábia Saudita, Majid bin Abdullah Al-Kassabi.

O Reino da Arábia Saudita e a Noruega devem aprofundar a cooperação econômica em logística, manufatura avançada e digitalização após um fórum de negócios de dois dias em Oslo. Uma delegação liderada pelo ministro do Comércio do Reino da Arábia Saudita, Majid bin Abdullah Al-Kassabi, incluiu 30 altos funcionários de importantes entidades governamentais e do setor privado, e participou em uma série de reuniões ministeriais e sessões de negócios para fortalecer os laços bilaterais de comércio e investimento, informou a Agência de Imprensa Saudita. As negociações ocorreram no contexto de um aumento de 360% no comércio bilateral entre os países de 2020 a 2024, atingindo US\$ 828 milhões. Durante o fórum, Al-Kassabi destacou a transformação econômica impulsionada pela Visão Saudita 2030. Em sua conta oficial X, ele disse: "Discuti com meu amigo Sua Excelência o Ministro de Estado do Trabalho e Integração Social, Kjetil Vevle, e o Ministro de Estado das Pescas e Assuntos Oceânicos, Even Tronstad Sagbakken, áreas de cooperação entre os sectores empresariais para

desenvolver habilidades que atendam às aspirações dos futuros mercados de trabalho, serviços de logística marítima e sistemas de mobilidade inteligentes". Ele observou que o Reino implementou mais de 900 reformas legislativas e regulatórias para construir uma economia competitiva, ajudando a impulsionar o produto interno bruto do Reino da Arábia Saudita para mais de US\$ 1,3 trilhão, tornando-a a maior economia do Médio Oriente. **Fonte-Arab News.**

Chefe da Organização de Cooperação Digital traz planos mais recentes para Nova York com o início da semana de alto nível da AGNU



Hajar El-Haddaoui, diretora-geral da Organização Multilateral de Cooperação Digital.

O Reino da Arábia Saudita serve como um exemplo importante para o mundo em transformação digital, disse ontem segunda-feira a diretora-geral da Organização de Cooperação Digital multilateral. A organização anunciou uma série de novas medidas para ajudar a tirar os países em desenvolvimento da chamada "pobreza digital".

Hajar El-Haddaoui estava falando na cidade de Nova York, um dia depois que sua instituição global com sede em Riade assinou um memorando de entendimento histórico com o Future Investment Initiative Institute, uma organização sem fins lucrativos administrada pelo Fundo de Investimento Público Saudita. Lançado em 2020 durante a presidência do Reino da Arábia Saudita no G20, o DCO começou com cinco membros: Reino, Bahrein, Jordânia, Kuwait e Paquistão. Nos últimos cinco anos, o número de membros cresceu para 16 estados do mundo árabe, África, Europa e Ásia, com uma população combinada de cerca de 800 milhões de pessoas e um produto interno bruto total de US\$ 3,5 trilhões. Durante um briefing realizado junto a 80ª Assembleia Geral da ONU, El-Haddaoui descreveu as mais novas iniciativas do DCO, incluindo: "WE-Elevate", um esquema projectado para capacitar mulheres empreendedoras na economia digital; um tratado histórico sobre o uso de inteligência artificial; parcerias com organizações proeminentes como o Fórum Econômico Mundial e a ONU Mulheres; colaborações com gigantes da tecnologia como Microsoft, Nvidia e TikTok; e o lançamento de uma ferramenta abrangente de análise de dados para ajudar os países a lidar com deficiências digitais. Em sua essência, o DCO está comprometido em fornecer uma plataforma multilateral, ou "ecossistema", envolvendo parceiros públicos e privados, para ajudar a resolver problemas digitais, disse El-Haddaoui. "Por exemplo, para a iniciativa de desinformação, os governos estão trabalhando para realmente lidar com esse ponto importante, que é a desinformação", acrescentou. Mas o que fazemos é trazê-los para todos os lados; Reunimos empresas de comunicação social, o governo e os jovens na mesma mesa. "Esse é o poder do DCO: convocar todas as principais partes

interessadas para (fornecer) uma solução e ser mais orientado para a acção do que apenas para a declaração." Várias empresas líderes mundiais aderiram ao DCO como observadores, fornecendo à organização e seus estados membros apoio aos esforços para reduzir a exclusão digital. Eles incluem Deloitte, IBM, Oracle, Visa e KPMG. **Fonte-Reuters.**

Reino da Arábia Saudita e Boeing fecham acordo sobre mobilidade aérea avançada



O acordo foi assinado por Sulaiman Al-Muhaimidi, Vice-presidente executivo da GACA para Segurança da Aviação e Sustentabilidade Ambiental, e pelo Sr. Asaad Al-Jomoai, presidente da Boeing Arábia Saudita.

A fabricante de aeronaves norte-americana Boeing assinou um acordo com o Reino da Arábia Saudita para explorar parcerias e investimentos no sector de mobilidade aérea avançada. Um memorando de entendimento foi assinado em Washington, D.C. por uma delegação do sector de aviação civil do Reino, liderada por Abdulaziz Al-Duailej, presidente da Autoridade Geral de Aviação Civil, de acordo com um comunicado à imprensa. O fortalecimento do sector de aviação é um dos objectivos cruciais delineados na agenda Visão Saudita 2030 do Reino, para tentar se posicionar como um centro global de negócios e turismo até o final desta década.

A Estratégia Nacional de Turismo do Reino da Arábia Saudita visa atrair 150 milhões de visitantes anuais até 2030, ao mesmo tempo em que aumenta a contribuição do sector para o produto interno bruto do Reino para mais de 10%. Comentando sobre o MoU com a Boeing, Sulaiman Al-Muhaimidi, vice-presidente executivo de Segurança da Aviação e Sustentabilidade Ambiental da GACA, disse: "Esta parceria com a Boeing reflecte o compromisso da GACA em criar céus mais seguros e inteligentes por meio da inovação avançada em mobilidade aérea. O esforço consolida ainda mais o Reino da Arábia Saudita na vanguarda do futuro da aviação." Durante a visita, a delegação saudita visitou a Administração Federal de Aviação e a sede da Boeing em Washington, bem como as instalações do Dreamliner em Charleston, Carolina do Sul, onde a empresa constrói o 787 Dreamliner. A autoridade acrescentou que as oportunidades de colaboração na aviação civil, serviços de fabricação e manutenção de aeronaves, sustentabilidade e iniciativas de tecnologias avançadas estavam entre os muitos tópicos discutidos durante a visita aos EUA. A GACA acrescentou que a visita também teve como objectivo aumentar a cooperação com os EUA na troca de conhecimento, transferência de tecnologia e localização da indústria da aviação, em linha com o objectivo do Reino de se tornar "um centro industrial e logístico global na aviação como parte de sua diversificação econômica". **Fonte-Arab News.**

Morreu o Grande Mufti do Reino da Arábia Saudita, Sheikh Abdulaziz Al-Asheikh



A Corte Real anunciou hoje terça-feira o falecimento do Sheikh Abdulaziz Al-Asheikh, Grande Mufti do Reino da Arábia Saudita e chefe do Conselho de Acadêmicos Seniores, informou o jornal estatal Al-Ekhbariya. Sua oração fúnebre será realizada na Mesquita Imam Turki bin Abdullah em Riade ainda hoje. Al-Asheikh foi nomeado para o cargo em 1999. Ele serviu como o estudioso religioso de mais alto escalão do Reino, interpretando a Lei da Sharia e emitindo fatwas sobre questões legais e sociais. **Fonte-Arab News.**

Mali, Burkina Faso e Níger anunciam saída do Tribunal Penal Internacional



Exterior do Tribunal Penal Internacional em Haia, Holanda.

Os países da África Ocidental liderados pelos militares Mali, Burkina Faso e Níger anunciaram a sua retirada do Tribunal Penal Internacional, denunciando-o como "uma ferramenta de repressão neocolonial".

O anúncio, em uma declaração conjunta publicada ontem segunda-feira, é o exemplo mais recente de turbulência diplomática na região do Sahel, na África Ocidental, após oito golpes entre 2020 e 2023. Os três países, que são governados por oficiais militares,

já se separaram do bloco regional da África Ocidental CEDEAO e formaram um órgão conhecido como Aliança dos Estados do Sahel. Eles também restringiram a cooperação de defesa com as potências ocidentais e buscaram laços mais estreitos com a Rússia.

Mali, Burkina Faso e Níger são membros do TPI, localizado em Haia, há mais de duas décadas. Mas sua declaração disse que eles viam o tribunal como incapaz de processar crimes de guerra, crimes contra a humanidade, crimes de agressão e genocídio. Ele não especificou exemplos de onde os países acreditavam que o TPI havia falhado.

Os três países estão lutando contra grupos militantes islâmicos que controlam grandes áreas de território e realizaram ataques frequentes a instalações militares este ano. A Human Rights Watch e outros grupos acusaram os militantes, bem como os militares e forças parceiras de Burkina Faso e Mali de possíveis crimes. Em abril, especialistas das Nações Unidas disseram que a suposta execução sumária de várias dezenas de civis pelas forças do Mali pode equivaler a crimes de guerra.

O TPI tem uma investigação aberta no Mali desde 2013 sobre supostos crimes de guerra cometidos principalmente nas regiões do norte de Gao, Timbuktu e Kidal, que caíram sob controle militante. Mais tarde naquele ano, a França interveio para repelir os insurgentes. A investigação do Mali foi aberta após um encaminhamento do governo na época. **Fonte-Reuters.**

Egipto sediará conferência de reconstrução de Gaza quando cessar-fogo chegar



O Primeiro-ministro do Egito, Mostafa Madbouly, fala durante uma Cúpula das Nações Unidas sobre os palestinos na sede da ONU durante a Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU) em Nova York em 22 de setembro de 2025.

O primeiro-ministro egípcio, Mostafa Madbouly, disse ontem segunda-feira que seu país sediará uma conferência de reconstrução de Gaza assim que um cessar-fogo for alcançado no território devastado.

"O Egito, assim que chegarmos a um cessar-fogo, sediará uma conferência internacional de reconstrução na Faixa de Gaza para mobilizar o financiamento necessário para o plano de reconstrução árabe-islâmico", disse ele em uma conferência sobre a solução de dois Estados nas Nações Unidas. **Fonte-Arab News.**

Paquistão comemora Dia Nacional do Reino da Arábia Saudita com maior zelo após pacto de defesa histórico



Outdoor mostrando retratos do Príncipe herdeiro do Reino da Arábia Saudita Mohammed bin Salman (à direita) e seu pai o Rei Salman bin Abdulaziz da Arábia Saudita, do Primeiro-ministro do Paquistão Shehbaz Sharif e do chefe do exército do Paquistão, exibidos na avenida diplomática em 22 de setembro de 2025.

O Paquistão está comemorando o Dia Nacional do Reino da Arábia Saudita hoje, terça-feira, com maior zelo depois que ambos os países assinaram um acordo de defesa histórico este mês, disse autoridade, reafirmando seu compromisso de fortalecer ainda mais seus laços fraternos e expandir a cooperação em todas as esferas. O Dia Nacional Saudita é comemorado todos os anos em 23 de setembro para comemorar a proclamação do Reino da Arábia Saudita em 1932 pelo Rei Abdulaziz. Este ano, isso ocorre dias depois que o Paquistão e o Reino assinaram um 'Acordo de Defesa Mútua Estratégica'. De acordo com o pacto assinado em Riade, a agressão contra um país seria tratada como um ataque a ambos. O acordo, selado durante a visita de Estado do Primeiro-ministro Shehbaz Sharif ao Reino neste mês, visa aumentar a dissuasão conjunta e aprofundar décadas de cooperação militar e de segurança.

Para marcar o Dia Nacional do Reino da Arábia Saudita, a capital do Paquistão, Islamabad, foi decorada com bandeiras sauditas e fotos do Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman com o primeiro-ministro paquistanês Shehbaz Sharif e o chefe do Exército, marechal de campo Asim Munir, com edifícios adornados com luzes verdes simbolizando a cor da bandeira saudita.

"Todas as vezes, seja em dificuldades econômicas, ou se houvesse qualquer tipo de situação relacionada à defesa, sempre encontramos o Reino [da Arábia Saudita] ao nosso lado e todas as vezes, qualquer questão, se o Reino da Arábia Saudita precisasse do apoio do Paquistão em qualquer questão, seja política externa ou qualquer outra questão, estivemos ao lado deles, " Musadik Malik, Ministro das mudanças climáticas do Paquistão, que também é o ponto focal da colaboração bilateral Paquistão-Reino da Arábia Saudita, disse ao Arab News, explicando a profundidade de seus laços bilaterais. "Esta formalização [de um acordo de defesa] criou um novo zelo entre o povo do Paquistão e também o povo do Reino da Arábia Saudita. Então, eu acho, você veria as mesmas coisas, todas aquelas coisas que vêm acontecendo desde sempre, mas com um zelo maior." Esta é a primeira vez que o Paquistão realizará a cerimônia do Dia Nacional do Reino da Arábia Saudita no espaçoso prédio do Centro de Convenções em Islamabad hoje a noite, terça-feira, que provavelmente contará com a presença de altos funcionários do governo paquistanês, funcionários da embaixada saudita e outros dignitários. O presidente do Paquistão, Asif Ali Zardari, e o primeiro-ministro Sharif emitiram suas mensagens especiais de felicitações pela ocasião. "Em nome do povo do

Paquistão, estendo minhas sinceras felicitações ao Guardião das Duas Mesquitas Sagradas, o Rei Salman bin Abdulaziz Al-Saud, o Príncipe herdeiro e primeiro-ministro Mohammed bin Salman bin Abdulaziz e ao povo irmão do Reino da Arábia Saudita por ocasião de seu Dia Nacional", disse hoje terça-feira, o Presidente do Paquistão, Asif Ali Zardari, em um comunicado. "Este dia é um lembrete de como, em um período de tempo relativamente curto, o Reino da Arábia Saudita deu exemplos notáveis de progresso e estabilidade sob sua liderança sábia e determinada." O vínculo entre o Paquistão e o Reino da Arábia Saudita está enraizado na confiança, devoção e fraternidade, de acordo com o presidente.

"Para o povo do Paquistão, nossa conexão espiritual com o Reino é aprofundada pela presença dos dois locais mais sagrados do Islão - a Caaba Sagrada e a Masjid-e-Nabwi. Este elo sagrado empresta uma força duradoura e singularidade à nossa amizade", disse ele. "Temos orgulho do facto de que nos últimos dias nossos laços alcançaram novos marcos. A nova parceria forjada nas áreas de defesa e segurança não é apenas um reflexo de nossa confiança mútua, mas também um passo vital para a paz e a estabilidade na região." Em sua mensagem no Dia Nacional do Reino da Arábia Saudita, o Primeiro-ministro Sharif estendeu seus mais calorosos parabéns ao Rei Salman e ao Príncipe herdeiro Mohammed e ao povo do Reino da Arábia Saudita pela excepcional jornada de desenvolvimento do Reino. "Milhões de paquistaneses consideram o Reino da Arábia Saudita sua segunda casa e estão activamente envolvidos em sua construção e desenvolvimento. Os serviços da irmandade paquistanesa no Reino da Arábia Saudita são a causa de relações cordiais, prosperidade e progresso entre os dois países irmãos ", disse ele. "Hoje, por ocasião do Dia Nacional do Reino da Arábia Saudita, reitero minha determinação em nome do Paquistão de que estamos determinados a fortalecer ainda mais essa parceria duradoura. Que Allah Todo-Poderoso sempre abençoe o Reino da Arábia Saudita com progresso e glória." **Fonte*-Arab News.**

Missão palestina no Reino Unido celebra reconhecimento do Estado e hasteia bandeira em Londres



A Missão Palestina no Reino Unido em Londres realizou uma cerimônia especial ontem segunda-feira para marcar o reconhecimento britânico do Estado palestino.

Os palestinos marcaram ontem segunda-feira, o anúncio do reconhecimento formal do Estado da Palestina pelo governo do Reino Unido com uma cerimônia de hasteamento da bandeira com a presença de altos funcionários do Reino Unido, membros do Parlamento, embaixadores e membros da comunidade palestina. A cerimônia oficial no bairro londrino de Hammersmith contou com um discurso de Husam Zomlot, o embaixador palestino, do lado de fora da Missão Palestina no Reino Unido, que em breve será transformada em embaixada. "Na mesma capital da Declaração de Balfour,

depois de mais de um século de negação, desapropriação e apagamento contínuos, o governo do Reino Unido finalmente deu o passo há muito esperado de reconhecer o Estado da Palestina". A Palestina, uma ex-colônia britânica por quase 30 anos, nunca foi reconhecida quando o mandato terminou, apesar do reconhecimento do Reino Unido do incipiente Estado de Israel em 1950, uma entidade que foi prevista na Declaração Balfour de 1917, que prometia estabelecer uma pátria para o povo judeu na Palestina.

A decisão histórica e há muito esperada foi anunciada no passado domingo pelo primeiro-ministro Keir Starmer, que a descreveu como "uma promessa ao povo palestino e israelense de que pode haver um futuro melhor". Isso marca uma mudança na política no Reino Unido e em alguns países europeus, que há muito afirmam que o reconhecimento da Palestina ocorrerá apenas na conclusão das negociações de paz. Os ataques do Hamas em outubro de 2023, seguidos por uma campanha contínua de vingança das forças israelenses na Faixa de Gaza, sinalizaram a Starmer que "a esperança de uma solução de dois Estados está desaparecendo".

"Isso ocorre quando nosso povo em Gaza está sendo faminto, bombardeado e enterrado sob os escombros de suas casas; enquanto nosso povo na Cisjordânia está sendo etnicamente limpo, brutalizado pelo terrorismo diário patrocinado pelo Estado, roubo de terras e opressão sufocante", disse Zomlot. Os palestinos esperam que o reconhecimento do Reino Unido seja mais do que meramente "simbólico" e contribua para a resolução do conflito israelense-palestino que envolve o Médio Oriente desde 1948. **Fonte-Reuters.**

Negar o Estado palestino é "um presente para extremistas em todos os lugares", diz chefe da ONU



O secretário-geral da ONU, Antonio Guterres, pediu ontem segunda-feira "progresso irreversível" em direção a uma solução de dois Estados para o conflito israelense-palestino, alertando que a falta de ação corre o risco de perpetuar uma crise "intolerável" e cada vez pior.

O secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, pediu ontem segunda-feira "progresso irreversível" em direção a uma solução de dois Estados para o conflito israelense-palestino, alertando que a falta de ação corre o risco de perpetuar uma crise "intolerável" e cada vez pior. Falando na Conferência Internacional de Alto Nível para Solução Pacífica da Questão da Palestina no Salão da Assembleia Geral da ONU, ele disse que o conflito de décadas atingiu um ponto "moralmente, legalmente e politicamente intolerável", citando o aumento das baixas civis em Gaza e a crescente instabilidade na Cisjordânia. "Estamos aqui hoje para ajudar a navegar pela única saída deste pesadelo", acrescentou Guterres, enfatizando a visão apoiada pela ONU de dois Estados independentes, soberanos e democráticos - Israel e Palestina - coexistindo pacificamente dentro de fronteiras seguras e reconhecidas com

base nas linhas pré-1967, com Jerusalém como capital compartilhada. O evento foi co-organizado pela França e pelo Reino da Arábia Saudita e marcou o esforço internacional mais concertado nos últimos meses para reavivar o ímpeto em direcção a uma paz negociada.

Guterres agradeceu a ambos os governos por convocar a reunião e reiterou sua decepção com o facto de a delegação palestina ter sido "negada a oportunidade (pelas restrições de visto dos EUA) de ser totalmente representada". Ele novamente condenou o ataque do Hamas contra Israel em 7 de outubro de 2023 – chamando-o de "horrível" e reiterando as demandas pela libertação "imediata e incondicional" dos reféns – e a "dizimação sistemática" de Gaza em resposta. "Nada pode justificar a punição colectiva do povo palestino ou qualquer forma de limpeza étnica", disse ele, condenando a matança generalizada de civis, a fome da população e os ataques a trabalhadores humanitários. "Tudo isso deve parar."

Guterres também alertou que a contínua expansão dos assentamentos israelenses, a violência dos colonos e a anexação de facto da Cisjordânia representam uma "ameaça existencial" a qualquer resultado viável de dois Estados. "A condição de Estado para os palestinos é um direito, não uma recompensa", disse ele. "Negar a condição de Estado seria um presente para extremistas em todos os lugares." Ele acrescentou: "Esta conferência deve ser um catalisador. Deve estimular um progresso irreversível para acabar com a ocupação ilegal e realizar nossa aspiração compartilhada por uma solução viável de dois Estados.

Guterres pediu a todos os partidos que demonstrem "liderança ousada e baseada em princípios", observando que a alternativa - uma realidade de um Estado marcada pela ocupação e desigualdade - não é sustentável nem aceitável. "Sem dois Estados, não haverá paz no Médio Oriente", alertou. "E o radicalismo se espalhará pelo mundo."

Fonte-Reuters.

Primeiro-ministro do Paquistão, líderes muçulmanos se encontrarão hoje com Donald Trump nos bastidores da AGNU



O Primeiro-ministro do Paquistão, Shehbaz Sharif, discursa em uma cerimônia na embaixada dos EUA em Islamabad em 4 de junho de 2025.

O presidente dos EUA, Donald Trump, se reunirá hoje terça-feira com os líderes dos países muçulmanos Paquistão, Reino da Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Turquia, Indonésia e outros, em uma reunião multilateral à margem da sessão em andamento da Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU), confirmou a secretária

de imprensa da Casa Branca, Karoline Leavitt. O Ministério das Relações Exteriores do Paquistão disse no passado domingo que o Primeiro-ministro Shehbaz Sharif se juntaria a líderes "seleccionados" de países muçulmanos em uma reunião com Trump à margem da AGNU. O Ministério das Relações Exteriores disse que ambos os lados "trocarão opiniões sobre questões relativas à paz e segurança regional e internacional". A reunião ocorre em um momento crucial para a região do Médio Oriente, enquanto Israel intensifica suas operações militares em Gaza, onde matou mais de 65.000 pessoas desde outubro de 2023. Várias nações muçulmanas se uniram contra as forças israelenses e pediram à comunidade internacional que responsabilize Tel Aviv pela morte de civis inocentes. "O presidente também realizará no final do dia uma reunião multilateral com o Qatar, o Reino da Arábia Saudita, Indonésia, Turquia, Paquistão, Egito, Emirados Árabes Unidos e Jordânia", disse Leavitt durante uma coletiva de imprensa ontem segunda-feira. **Fonte-Arab News.**

Singapura sancionará líderes de colonos israelenses e apoiará a criação de um Estado palestino



Uma vista do Parlamento da Singapura.

A Singapura disse ontem segunda-feira que vai impor sanções direccionadas a líderes de grupos de colonos israelenses e que reconhecerá um Estado palestino sob as condições certas. As nações ocidentais e outras têm adoptado uma linha cada vez mais dura contra grupos de colonos e algumas autoridades israelenses que acusam de fomentar a violência, enquanto o reconhecimento global está crescendo da aspiração dos palestinos por uma pátria independente. A ministra das Relações Exteriores de Singapura, Vivian Balakrishnan, falando no parlamento, repreendeu os políticos israelenses que falaram sobre a anexação de partes da Cisjordânia ou Gaza, os dois territórios palestinos ocupados por Israel. "Pedimos ao governo israelense que cesse a construção e expansão de assentamentos", disse ele, citando o chamado projecto de assentamento E1 como fragmentando a Cisjordânia. "Nós nos opomos às tentativas em andamento de criar novos factos no terreno que minam as perspectivas de uma solução de dois Estados." Mais detalhes sobre as sanções serão divulgados posteriormente, disse ela.

Balakrishnan disse que era uma questão de quando e não se Singapura reconhece um Estado palestino e que a nação está esperando por uma "constelação apropriada" de factores, incluindo a necessidade de um governo palestino eficaz que aceite o direito de Israel de existir e renuncie categoricamente ao terrorismo. "Em última análise, para resolver este conflito de longa data de maneira abrangente, justa e durável, é necessário que haja um acordo negociado que resulte em dois Estados, um israelense (e) um

palestino, com seus povos vivendo lado a lado em paz, segurança e dignidade", acrescentou. A maior parte da comunidade internacional considera os assentamentos israelenses na Cisjordânia ilegais sob o direito internacional. Israel contesta isso, citando laços históricos e bíblicos com a área e dizendo que os assentamentos fornecem segurança. Embora Singapura e Israel tenham compartilhado estreitos laços diplomáticos e militares desde que o primeiro conquistou a independência em 1965, a cidade-estado em 2024 votou a favor de várias resoluções expressando apoio ao reconhecimento da ONU de um Estado palestino. **Fonte-Reuters.**

Trump criticará órgãos 'globalistas' e reconhecimentos palestinos na ONU



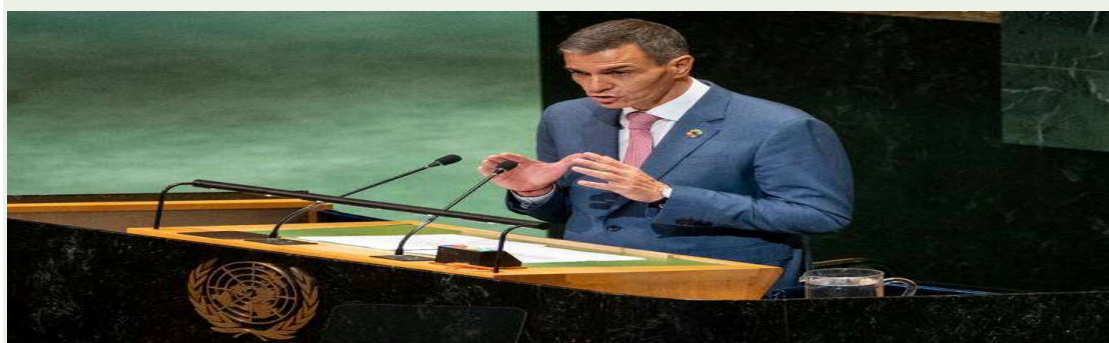
O presidente dos EUA, Donald Trump, sobe ao palco para falar em um serviço memorial para o comentarista conservador assassinado Charlie Kirk no State Farm Stadium em Glendale, Arizona, EUA, em 21 de setembro de 2025.

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, atacará as "instituições globalistas" e criticará o reconhecimento de um Estado palestino por aliados ocidentais em um discurso na Organização das Nações Unidas (ONU), informou ontem segunda-feira a Casa Branca. Trump deve fazer o primeiro discurso de seu segundo mandato na Assembleia Geral da ONU hoje terça-feira, já que a reunião diplomática anual é dominada pela guerra de Israel em Gaza. A secretária de imprensa Karoline Leavitt disse que Trump promoveria "a renovação da força americana em todo o mundo" em seu discurso. "O presidente também abordará como as instituições globalistas decaíram significativamente a ordem mundial e articulará a sua visão directa e construtiva para o mundo", acrescentou. Trump criticou repetidamente a ONU e outras instituições multilaterais como parte de sua política "América Primeiro" e cortou o financiamento ou retirou-se de vários órgãos da ONU. Enquanto isso, Trump realizará uma "reunião multilateral" com os líderes dos principais países muçulmanos na assembleia da ONU, incluindo Qatar, Reino da Arábia Saudita, Indonésia, Turquia, Paquistão, Egito, Emirados Árabes Unidos e Jordânia, disse Leavitt em um briefing. A medida ocorre depois que vários governos ocidentais reconheceram um Estado palestino, irritando Israel.

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, que falará na ONU na sexta-feira, prometeu expandir os assentamentos judaicos na Cisjordânia ocupada após os reconhecimentos. O próprio Trump se opôs às medidas da Grã-Bretanha, Canadá e Austrália para reconhecer o Estado da Palestina. "O presidente deixou muito claro que discorda dessa decisão", disse Leavitt, observando que o fez publicamente com o Primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, durante uma visita de Estado ao Reino Unido na semana passada. "Francamente, ele acredita que é uma recompensa para o Hamas. Então ele acredita que essas decisões são apenas mais conversa e pouca acção de alguns

de nossos amigos e aliados, e acho que você vai ouvi-lo falar sobre isso amanhã" na ONU, acrescentou. Trump também se encontrará com o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, à margem da reunião da ONU, disse Leavitt, enquanto Kieve busca garantias de segurança apoiadas pelo Ocidente para sustentar um cessar-fogo indescritível com a Rússia. Além disso, o presidente dos EUA se reunirá com o colega argentino e principal aliado, Javier Milei, um dia depois que o Tesouro dos EUA disse que estava ponderando uma tábua de salvação econômica para a Argentina, que luta para acalmar os mercados. **Fonte-Reuters.**

Principal diplomata da Espanha rejeita promessa do líder israelense de não haver Estado palestino, dizendo que isso vai acontecer



O Primeiro-ministro da Espanha, Pedro Sánchez, fala durante uma reunião de alto nível nas Nações Unidas com o objetivo de galvanizar o apoio a uma solução de dois Estados para o conflito israelense-palestino na sede da ONU.

O principal diplomata da Espanha rejeitou a declaração do Primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, de que nunca haverá um Estado palestino, dizendo que os israelenses um dia vão querer viver lado a lado em paz com os palestinos. O ministro das Relações Exteriores, José Manuel Albares, disse em entrevista à Associated Press ontem segunda-feira que "uma verdadeira onda" de países reconheceu o Estado da Palestina desde que Espanha, Irlanda e Noruega o fizeram em maio de 2024 e um número esmagador apoia uma solução de dois Estados para o conflito israelense-palestino de quase 80 anos. "No dia em que todos reconhecerem o Estado da Palestina, teremos que seguir em frente", disse ele nas Nações Unidas. "Tenho certeza de que um dia encontraremos as pessoas certas para a paz do lado de Israel, da mesma forma que encontramos no lado palestino" na Autoridade Palestina. A Espanha tem estado na vanguarda da pressão sobre Israel para acabar com a guerra em Gaza desencadeada pela invasão surpresa do Hamas ao sul de Israel em 7 de outubro de 2023, criticando "as atrocidades" e "matanças sem fim" que está cometendo no território. Albares falou antes de uma reunião da Assembleia Geral da ONU em sua reunião anual de líderes mundiais. Na reunião, os palestinos esperavam que 10 países recentes e novos reconhecessem formalmente o Estado da Palestina, aumentando a lista de mais de 145 nações que já o fizeram. França, Luxemburgo, Bélgica e outros o fizeram na reunião, mesmo depois que Netanyahu reiterou sua promessa de que nunca haverá um Estado palestino. Os reconhecimentos de fim de semana vieram do Reino Unido, Canadá e Austrália.

O ministro espanhol chamou o Hamas de "uma organização terrorista" que não quer uma solução de dois Estados. "Então, vamos deixar de lado os extremistas e procurar as pessoas que querem uma coexistência pacífica e segura. A Espanha é uma crítica vocal

da acção israelense Albares disse que a Espanha assumiu uma das posições mais fortes contra as acções de Israel em Gaza porque "não podemos aceitar que a maneira natural de as pessoas no Médio Oriente se relacionarem seja através da guerra, através da violência". Israel tem direito à paz, estabilidade, segurança e um Estado, assim como os palestinos, disse ele. "Não vejo por que eles deveriam ser condenados a ser eternamente um povo de refugiados." Albares disse que era impossível para a Espanha, como um país democrático que acredita nos direitos humanos, ter uma "relação normal com Israel" enquanto "esta guerra sem fim continua". Nas últimas semanas, a Espanha intensificou sua oposição às acções de Israel em Gaza. O primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez, chamou a guerra de "genocídio" no início deste mês, quando anunciou planos para formalizar um embargo de armas e impedir que as entregas de combustível com destino a Israel passem pelos portos espanhóis. Netanyahu acusou Sánchez de uma "flagrante ameaça genocida". Na semana seguinte, manifestantes pró-Palestina a quem o governo expressou seu apoio interromperam a etapa final de uma competição internacional de ciclismo em Madrid devido à presença de uma equipe com laços com Israel. Após o incidente, Sánchez pediu que Israel seja banido de todos os eventos desportivos internacionais enquanto a guerra continua. Seguiu-se uma disputa diplomática em que ambos os países proibiram ministros e Israel acusou o governo espanhol de ser "antissemita". **Fonte-Reuters.**

Do túnel de Gaza à janela de Nova York



GHASSAN CHARBEL

22 de Setembro de 2025

Benjamin Netanyahu está esfregando os olhos. Ele não pode acreditar no que está vendo. Ele não pode acreditar no que está ouvindo. É como se o mundo estivesse lançando projecteis que não podem ser repelidos em sua direcção - bombardeando sua fúria assassina e desequilibrada. Seus sonhos imprudentes. E seus delírios importados das cavernas da história. A onda mais recente de projecteis veio do Canadá, Austrália e Reino Unido. O reconhecimento da Grã-Bretanha é uma pílula particularmente amarga de engolir; O desejo de Keir Starmer de um Estado palestino, se realizado, aliviaria parte do sofrimento nascido da Declaração de Balfour.

Netanyahu perdeu o equilíbrio. Você não pode silenciar o mundo. Você não pode enviar aviões para colocá-lo na linha. Uma pergunta dolorosa assombrará sua história pessoal: suas aventuras e crimes aceleraram a ascensão da consciência do mundo de seu sono e o deixaram correndo para reconhecer o Estado palestino? O poderoso Israel nunca foi alvo de uma enxurrada de tapas diplomáticos e políticos.

O mundo não podia tolerar as cenas de Gaza indefinidamente. Torres residenciais desaparecem. As casas matam seus habitantes. As tendas e as pessoas que nelas se abrigam queimam. Cadáveres minúsculos e sepulturas minúsculas. Poços de morte e pão traiçoeiro. Os horrores recorrentes de civis deslocados que estão constantemente à beira de outro funeral. O desespero torna-se quase avassalador; assim, os feridos se apegam à história.

A violência insondável não conseguiu matar todas as pessoas, derrubar todas as casas, arrancar todas as árvores. Os sonhos dos oprimidos são mais ferozes do que as bombas dos aviões de guerra. Esses sonhos podem se esconder nos olhos de uma criança. Eles ficam adormecidos por um breve ou longo período e então explodem repentinamente, revelando-se. Não é verdade que o mundo tenha consciência de pedra, nem que permanecerá em coma para sempre. Aqui está o mundo agora, defendendo os princípios da ONU de Nova York, enxugando as lágrimas de Antonio Guterres.

E a história não termina na Palestina; é a história de todo o Médio Oriente. A experiência mostra-nos que a causa palestiniana é a grande ferida aberta do Médio Oriente, mesmo que haja outras de que possamos falar. A política de Israel foi construída sobre o esforço para negar a existência dessa ferida e apagar a reivindicação legítima do povo palestino à sua terra, ou parte dela.

O governo de Netanyahu continua a explorar a trajetória iniciada pelo Dilúvio de Al-Aqsa de Yahya Sinwar para acabar com os pilares do sonho palestino: apagar Gaza do mapa e desestabilizar a Cisjordânia, enquanto mordisca o que resta dela. Israel aproveitou a oportunidade apresentada pelo "dilúvio" para lançar uma operação para remodelar a região, especialmente nos países vizinhos.

Netanyahu se gaba abertamente de ter derrubado Bashar Assad, expulsado o Irão da Síria e removido Hassan Nasrallah da equação. Ele se gaba orgulhosamente de que os jatos de seu exército ocupam os céus de vários estados regionais. A arrogância israelense aumentou ao ponto da pura loucura quando atingiu o complexo que abrigava os líderes do Hamas em Doha.

Enquanto continuam a acompanhar as cenas em Gaza esta semana, o povo da região também voltará sua atenção para os eventos significativos que se desenrolam em Nova York. A conferência de solução de dois Estados co-patrocinada pelo Reino da Arábia Saudita e pela França é um marco para a causa palestina. A liderança do Reino apoiou esse esforço e o caminho para o reconhecimento do Estado palestino se acelerou, principalmente na Europa, especialmente entre suas principais potências. Esse desenvolvimento sem precedentes pode se cristalizar em um impulso global que frustra o esforço de Israel para enterrar a causa palestina sob os escombros de Gaza.

Não devemos subestimar a importância dessa mudança: Estados que apoiaram Israel ou fecharam os olhos para seus crimes por décadas agora estão admitindo que a única maneira de acabar com o conflito israelense-palestino é estabelecer um Estado palestino independente ao lado de Israel. As implicações vão além disso. Esta evolução equivale também ao reconhecimento de que o Médio Oriente não gozará de estabilidade se este Estado não for fundado. A estabilidade do Médio Oriente tem impacto nos seus países e povos, mas é também uma preocupação para a Europa e para o mundo; A estabilidade nesta região tem implicações para as potências globais, seus interesses e a economia global e sua estabilidade.

A solução de dois Estados é a chave. É a única estrutura que pode obrigar Israel a se tornar Israel novamente, a recuar para suas fronteiras e céus e a cessar seus ataques arbitrários à região. A solução de dois estados é o caminho para cortar o pavio de conflitos sem fim. Ele remove o pretexto do qual o aventureirismo regional depende em sua busca pela reconfiguração da região.

Apesar da posição actual de Washington, o peso árabe, islâmico e internacional por trás da busca de uma solução de dois Estados inevitavelmente obrigará o governo americano a concluir que é a única estrutura para garantir os direitos palestinos e a segurança de Israel. Esta grande batalha diplomática e política levará tempo e exigirá paciência. No entanto, é a única saída do Médio Oriente deste túnel, a única janela pela qual pode escapar das guerras e do horror.

Os procedimentos em Nova York são de importância histórica. No entanto, este é apenas o começo da jornada. Entre reconhecer o Estado palestino e traduzir esse reconhecimento em passos tangíveis no terreno está uma luta amarga que se desenrolará dentro de Israel, entre os próprios palestinos e em capitais de todo o mundo, especialmente Washington.

O mundo enviou uma mensagem clara: apagar os direitos palestinos é impossível. O futuro das nações não pode ser determinado por aviões de guerra. Os direitos universais e o direito internacional são os arquitectos desse futuro. As deliberações em Nova York são a pedra angular. O governo de Netanyahu deve ser forçado a segurar o fogo, ir à mesa de negociações e discutir fronteiras e garantias. Para isso, Washington deve estar convencido de que chegou a hora de curar a ferida palestina por meio da justiça.

Israel não tem opção a não ser evitar o léxico suicida de Netanyahu. Mais assassinatos em Gaza apenas ampliam o túnel em que Israel se encontra. O exército israelense transformou Gaza em um mar de escombros, mas o sonho palestino mais uma vez ressurgiu das cinzas. Os palestinos, por sua vez, não têm opção a não ser lutar pela solução de dois Estados, perseguindo esse objectivo por meio da estrutura da legitimidade internacional. Sair do túnel implicará em fazer escolhas difíceis e dolorosas, mas elas são inevitáveis. O estado é mais importante do que as facções.

Yasser Arafat certa vez optou por retornar a parte da terra, aparentemente certo de que a máquina de matar de Israel não poderia arrancar todos os lares e crianças. É por isso que ele sempre reiterou: "O Estado está a poucos passos de distância".

Ghassan Charbel é editor-chefe do jornal Asharq Al-Awsat. X: @GhasanCharbel Este artigo foi publicado pela primeira vez em Asharq Al-Awsat.

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.



**INDEPENDÊNCIA
NACIONAL DE ANGOLA
1975-2025**
Preservar e valorizar as conquistas
alcançadas, construindo um futuro melhor